



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

HOMILIA NA MISSA VESPERTINA DA CEIA DO SENHOR

Sé de Angra | Quinta Feira Santa, 28 de março de 2024

O Evangelho de João convida-nos a entrar juntamente com os apóstolos em casa, para a ceia, a última antes da prisão de Jesus. A casa é, já por si, espaço de encontro, de família, de manifestações de afeto e preocupação de uns pelos outros. Na casa de família, se não for mera residência, tudo é de todos, há ajuda recíproca, complementaridade e os gestos são medidos, têm significado e consequências.

A esta ceia, caros irmãos, chegamos cheios de questões escaldantes e seria bom aproveitar e falá-las à mesa. Penso naqueles que se esforçaram durante a Quaresma por dizer “confesso a Deus e a vós irmãos” como sugeria na Mensagem para a Quaresma, e que saberão, melhor do que antes, que precisam de perdão; aqueles que partilham a dor do mundo, todos nós, que estamos perturbados com o conflito na Ucrânia e na Terra Santa e todas as feridas infligidas aos inocentes; aqueles que gostariam de ter um futuro melhor para os seus filhos, veem ainda muita, muita escuridão à sua volta; os frágeis que procuram um abraço de misericórdia e de esperança e ficam à espera... E todos nós procuraremos respostas que podemos encontrar neste dia santo, no cenáculo. Estamos em casa com Ele e em família.

Não é por isso uma noite em que as palavras devam dominar. O que domina, de facto, neste solene início do tríduo pascal, é a humilde majestade dos gestos, a sua densidade, o silencioso e poderoso magistério das realidades que numa ceia, são tornadas eloquentes pelo dom, pela oferta irreversível que Jesus faz de si mesmo.

Diz-se na primeira leitura que era assim no antigo rito da Páscoa. O cordeiro a imolar ao pôr do sol; o seu sangue nas umbreiras das casas; o modo de o comer em conjunto: "com as cinturas cingidas, sandálias nos pés, bordão na mão", com a pressa, não de quem faz as coisas superficialmente e sem consciência, mas de quem está com pressa para percorrer o caminho da opressão para a liberdade, da escravidão para o serviço alegre do Senhor e dos irmãos.

E é também assim para os cristãos. O que eles transmitem é o que o Senhor Jesus fez "na noite em que foi traído e entregue": o pão, agarrado e partido pelas próprias mãos, o cálice levantado no fim da ceia e, para tornar o impacto de ambos concreto nas nossas relações mútuas, o lava-pés, o abaixamento chocante do Mestre e Senhor diante dos seus discípulos, diante de nós, seus servos. Os atos, mais do que discursos e declarações, o modo de fazer e de se comportar mais do que a abstração das ideias: é isto que os cristãos transmitem de geração em geração.

Naturalmente, aos gestos seguiram-se palavras: "este é o meu corpo", "este é o meu sangue", "fazei isto... em memória de mim". Estas são as mesmas palavras que repetimos há séculos no culminar da nossa reunião em seu nome. Assim, cada vez que celebramos a Eucaristia, podemos gritar com o antigo povo da aliança: "É a Páscoa do Senhor, é o seu ato definitivo de libertação do mal, a sua passagem da morte para a vida e a

possibilidade que nos é dada de nos tornarmos participantes com Ele. O seu desígnio de salvação cumpre-se não como um desejo ou uma crença piedosa, mas como pão e vinho, isto é, como comida e bebida, como realidades destinadas a serem assimiladas e traduzidas na prática da existência histórica de quem as assume. Durante a Ceia e para explicar o mandamento do amor, condição para entender a Eucaristia, Jesus lava os pés aos apóstolos. Esta pode ser a noite em que podemos vencer a resistência manifestada por Simão Pedro. A sua maneira de se esconder atrás do biombo de uma falsa religiosidade que, sob o pretexto de colocar Deus no alto, acima dos assuntos deste mundo, não o deixa, de facto, atuar no concreto da sua vida, na parte do corpo humano que nos mantém plantados na terra. Os pés dizem sem fingimento o cansaço do caminhar, não têm outra expressão senão a verdade. Dizem da necessidade de ser cuidados e purificados pela amizade que derruba barreiras e distâncias. "Tu não me lavarás os pés para sempre!". Há orgulho também dentro de todos nós, a vergonha de sermos considerados fracos, necessitados. Como se o Senhor não soubesse tudo sobre nós. Jesus, pelo contrário, lê na alma de Pedro e na nossa o medo de nos deixarmos envolver por este amor que não tem vergonha de se rebaixar.

Jesus, com a sua vida e com aquele gesto, explica o que é a sua existência e o que pode ser a nossa: olhar os outros sempre, todos os dias, sem nos escandalizarmos, amar a sua fraqueza, reavivar em gestos de ternura, de amor audaz, a sua dignidade.

Caros irmãos, se, neste dia de Quinta-Feira Santa, Jesus quisesse colocar um anúncio nas nossas casas de família, nos hospitais, cadeias, recolhimentos, casas de acolhimento, centros sociais, misericórdias, campos de refugiados, lugares de guerras, etc. penso que colocaria: "Precisam-se lavadores de pés"! Precisamos em todos estes lugares de quem agarre no avental branco, qual bandeira de paz e justiça, não para se render ao inimigo, mas para redobrar os cuidados pelas vidas de irmãos com os pés sujos de pó e das feridas, cansados da tortura dos caminhos. Aventais ou bandeiras brancas que mostrem a força arrasadora do amor autêntico e límpido que nunca desarma. O novo mundo começa aqui, resistindo à violência. Penso nos nossos irmãos e irmãs em Kiev, em Kharkiv, em Lviv, na Terra Santa, em Gaza, etc. Quantos ali continuam a ajudar, a socorrer os mais fracos, encontrando, mesmo nestas horas tão difíceis, neste amor que lava-pés, a força interior e a vitória sobre os medos.

"O que eu faço, não o compreendeis agora; compreendê-lo-eis mais tarde". Isto continua a ser válido também para nós, convidados para o banquete preparado pelo Senhor. Celebramo-lo sabendo que não podemos compreender inteiramente o rito, mas compreenderemos o seu significado mais profundo mais tarde, na vida, no sacramento do irmão e da irmã que encontramos e vemos com os olhos de Jesus.

"Compreendes o que fiz por ti?". Estremece-se ao ouvir de novo esta pergunta. É a Páscoa do Senhor. Vale a pena refletir seriamente esta noite sobre o que o Senhor fez por nós e continua a fazer. Nas suas ações há sempre uma força nova para fazer aquilo que nos é dado compreender de vez em quando. Hoje acompanhamo-lo em casa, onde as pessoas se amam, se lavam os pés uns aos outros e repartem o pão por amor. Amanhã vamos vê-lo nas ruas da cidade de cruz carregada até ser levantado nela. Mesmo aí, continuará a repetir: "fazei vós o mesmo"!

+ Armando, Bispo de Angra